

Universidades, coleções, museus universitários e sociomuseologia: rede híbrida de diálogos

Mauricio Candido da Silva¹

Universities, collections, university museums and sociomuseology: a hybrid network of dialogues

Introdução

Os dados publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), relativos ao Censo do Ensino Superior no ano de 2020, relatam que no Brasil havia 2.457 instituições de ensino superior públicas e privadas (BRASIL, 2022). Por sua vez, temos o registro oficial disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), obtidos em 2023 pela Plataforma MuseusBR, de 3.944 museus em todo território nacional². São números que impressionam, que estão relacionados diretamente com as dimensões territoriais e populacional do país e como resultados de políticas governamentais nos campos da educação e cultura. Contudo, estes dados devem ser observados de maneira atenta, pois a realidade está relacionada ao ângulo que é observada. Deste montante de instituições de ensino superior, 87,6% delas são privadas, sendo que 48% do total geral estão concentradas nas regiões Sudeste (composta pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo), enquanto 39% dos museus brasileiros também estão localizados na mesma região, sendo esta também a que concentra 41,8% da população brasileira, assim como 55% do Produto Interno Bruto do país³.

Para equacionar estas informações que apontam para uma alta concentração de riquezas na região sudeste do país, ainda que expressas por dados brutos, adotaremos no presente estudo a perspectiva do antropólogo Renato Ortiz, que analisa a cultura e identidade nacional como uma construção simbólica, o que elimina as dimensões de veracidade ou falsidade do que é produzido, ou seja, no Brasil “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos” (ORTIZ, 1986, 8). Neste sentido, falar em cultura é tratar de relações de poder, uma oportuna perspectiva da sociomuseologia para os museus e universidades ou, mais objetivamente, do campo museal presente nas instituições de ensino superior sob o viés social. Este é o objeto de análise do presente artigo e seu foco central de atenção.

Ainda na perspectiva introdutória, cabe apresentar alguns dados referentes às coleções e museus universitários, pois estes compõem o cerne deste estudo, por se constituírem como uma

¹ Bacharelado e licenciatura em História, especialista em Museologia, mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Pós-doutorado em Museologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP: “Coleções e Museus Universitários Brasileiros”. Conselheiro do ICOM Brasil e do CNPC/MINC. Coordenador do MAV FMVZ USP. Coordenador da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários. Museu de Anatomia Veterinária Prof Dr Plínio Pinto e Silva da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo <https://orcid.org/0000-0001-9306-2136>. maumal@usp.br

² A plataforma MuseusBR pode ser acessada por meio do seguinte endereço eletrônico: <http://museus.cultura.gov.br/>

³ Dados extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): www.ibge.gov.br

legítima análise da sociomuseologia, que direciona o seu interesse para o tema museu e universidade. De início, cabe ressaltar que este tema é vasto, pois nos permite debater diferentes abordagens já tratadas por uma crescente e instigante bibliografia, tais como: as potenciais dimensões educativas nas relações entre museus e universidades (SOLINGER, 1990); o campo da pesquisa, do ensino e da cultura em museus universitários (museu *da* Universidade), muito além das dimensões de vínculos administrativos (museu *na* Universidade) (BRUNO, 1997; MENESES, 2002); a importância e o impacto da universidade na formação e constituição dos profissionais de museologia (ISOLAN, 2017); aspectos da salvaguarda documental em museus universitários (BARBUY, 2002); os desafios e as particularidades das exposições e da comunicação museológica para este conjunto de museus, incluindo suas dimensões educacionais (CURY, 2007; JULIÃO, 2020); similaridades e especificidades de métodos de gestão administrativa para os museus existentes nas universidades (CORREIA, 2023). Seria ainda possível tratar de aspectos de segurança, conservação, processos curatoriais, dentre tantas outras variações de estudos que as coleções e museus universitários nos permitem. Enfim, aqui é relatado um sobrevoo panorâmico que vislumbra um vasto e fértil território que, felizmente, vem se desenvolvendo com uma forte musculatura acadêmica nos últimos anos, em boa parte em função do processo de consolidação dos cursos de museologia em diferentes níveis, assim como dos resultados de análises do trabalho profissional desenvolvido nestes ambientes museais.

Considera-se importante ressaltar as características inerentes às coleções e aos museus universitários e o seu foco de interesse analítico, historicamente constituídos no Brasil. Além da sua ampla diversidade, em termos de acervos, formatos acadêmicos e administrativos, processos curatoriais e *práxis museológica* (LEON, 2000), abordados mais adiante. Neste momento, cabe menção às primeiras publicações em termos de estudos do seu perfil realizados por Walter Zanini no início da década de 1980 (ZANINI, 1982) e da inovadora mobilização política por meio da criação do Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), no início da década de 1990 (BRUNO, 1992), que ocorreu anteriormente à criação do Comitê Internacional de Coleções e Museus Universitários do Conselho Internacional de Museus (ICOM UMAC), sendo este oficialmente instituído em 2000. Afirma-se aqui a existência de um campo consistente da prática profissional e da pesquisa em torno das coleções e museus universitários no Brasil. Por sua vez, o FPMU traz a dimensão política, sempre presente quando se trata das questões envolvendo os museus universitários⁴. Dada a sua significância patrimonial, as centenas de coleções e museus universitários existentes ocupam um papel de destaque no cenário museal brasileiro e mundial, o que os torna um campo de análise seminal, com múltiplas possibilidades de conexões e análises.

Uma das interfaces possíveis de abordagem deste campo é justamente a de aproximação entre os museus e as instituições de educação superior por meio da sociomuseologia, que aqui se busca fazer. Seguindo os caminhos metodológicos de Nestor Garcia Canclini, com as devidas ressalvas, pois o renomado sociólogo trata de processos culturais muito mais abrangentes, a este campo de relações não se denomina de fusão, nem de interconexão, mas sim de *campo híbrido*, por incluir seus processos de contradições. Nessa transferência de um conceito da biologia para as humanidades, a adoção da hibridação pressupõe compreender como processos nos quais estruturas ou práticas sociais se combinam para gerar novas estruturas, novos objetos e novas práticas. Não há forma pura, ou plenamente homogênea, toda forma é heterogênea e o seu processo de formação se constitui como hibridação (GARCIA CANCLINI, 2015). “Esta visão encontra consonância com os conceitos de cultura e identidade nacional como construção simbólica de Renato Ortiz, como visto anteriormente. Este será o caminho a ser percorrido pela presente análise, pelo viés da sociomuseologia, que pressupõe o reconhecimento da pluralidade

⁴ Em 2018, após doze anos inativo, o Fórum Permanente de Museus Universitários voltou a se reunir na Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2021, na Universidade Federal do Paraná. Em 2023, o VII FPMU está sob a organização da UFRJ e da UNIRIO. Isso demonstra a vivacidade do tema na atualidade.

e da valorização da interdisciplinaridade (MOUTINHO, 2007), assim como a percepção das características das coleções e museus universitários como um *Ecosystema Museal Emergente*, que sintetiza a promoção da diversidade dos 841 Núcleos Museológicos Universitários identificados no Brasil, em uma hibridação composta pela multiplicidade de interações, um processo marcado pelas múltiplas redes de interações (SILVA, 2019). Novamente, as humanidades em diálogo com a biologia na sua forma orgânica de leitura do mundo.

Universidades, museus tradicionais e novas percepções

As universidades e os museus são modelos de instituições que caminham juntas há séculos, em percursos paralelos, com muitas sobreposições e entrecruzamentos em suas missões, que adquiriram relevância na formação dos estados modernos (MAYER, 1987), para chegarem fortalecidas nos dias atuais, pautadas pela promoção e celebração da ciência, da tecnologia, das artes e da cultura. Vale dizer que a perspectiva aqui adotada não busca harmonizar a relação umbilical entre estas duas instituições historicamente constituídas, com uma origem em comum (ALEXANDER, 1979). Pretende-se observá-las por meio do caráter híbrido, constituído em sua essência pelas coleções e museus universitários, ou melhor, pelo patrimônio museológico universitário, território da sociomuseologia, como síntese da pesquisa, do ensino e da noção de extensão cultural representativo de toda sociedade e para toda sociedade. Por meio do olhar crítico de Stélio Marras, é possível perceber que a hibridação revela as contradições dos discursos celebrativos ao questionar “qual divulgação para qual ciência? Mas qual divulgação para qual público? E qual ciência para qual público. Se não ainda: qual ciência para qual problema público?” (MARRAS, 2016, 99).

No ocidente, o processo de formação das coleções e dos museus universitários têm um marco simbólico em 1683, quando o Ashmolean Museum da Universidade de Oxford foi aberto para a visita de estudantes. Trata-se do primeiro modelo institucionalizado de museu com sucesso, sendo reproduzido em várias partes do mundo (WITTLIN, 1949; LEON, 2000). Observa-se aí um importante momento para a oficialização e expansão dos museus e da difusão do conhecimento científico por meio da organização de coleções de pesquisa. A necessidade desta regressão temporal é importante para ressaltar que o marco histórico institucional para a museologia na modernidade é estabelecido por um museu universitário, cientificamente organizado e aberto para visitas (SILVA, 2013). A sua transformação em uma tradição construída pelos processos museológicos a partir do século XVIII é de extrema importância, pois persiste até os dias atuais. Somente na segunda metade do século XX é que se transformou em modelo questionado pela Nova Museologia, pois além de ser sistematicamente organizado e aberto ao público, o padrão constituído deveria ser modificado, para se tornar inclusivo para toda a sociedade, numa perspectiva democrática (MOUTINHO & PRIMO, 2020).

No século XIX, este modelo de museu moderno chegou ao Brasil, porém com uma característica bastante peculiar, assimilado pela bibliografia como a *era dos museus* (STURTEVANT, 1970). Conforme muito bem definido por Margaret Lopes, no Brasil os museus surgem antes do que as universidades e desempenharam um papel preponderante no início do desenvolvimento científico do país (LOPES, 1997). Isso é extremamente significativo quando se pensa na importância dos museus universitários para sociedade⁵, justamente pela sua significância na constituição do patrimônio histórico, científico, artístico, tecnológico e cultural, pois, aqui no Brasil, a pesquisa científica é a estrutura basal das universidades, em termos de conhecimento e do desenvolvimento da nossa sociedade.

⁵ Quatro grandes museus foram oficialmente criados no Brasil no século XIX, sendo eles: Museu Nacional (inicialmente denominado Museu Real, 1818), Museu Paranaense (1876), Museu Paulista (aberto em 1895) e Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), os três primeiros atualmente pertencem a três universidades públicas.

Importante registrar que a primeira universidade brasileira foi oficialmente criada em 1920 – Universidade do Brasil, posteriormente denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – e cabe mencionar que a primeira instituição de ensino superior no Brasil foi o Colégio dos Jesuítas, um centro educacional do Brasil Colonial que funcionou em Salvador (Bahia) entre 1553 e 1759. Contudo, o que Margaret Lopes defende e reafirmamos aqui, é a importância do processo histórico da prática científica, incluindo as suas publicações, desenvolvidas inicialmente nos museus e, posteriormente, nas instituições de ensino superior, pois em torno da pesquisa científica é que se desenvolve o ensino e a extensão cultural nas universidades. Dessa forma, é a partir de uma *praxis* museal, com base em pesquisas científicas, que as instituições de ensino superior no Brasil salvaguardam, pesquisam e comunicam parte extremamente significativa do patrimônio histórico, científico, tecnológico, artístico e cultural.

Ainda que seja um museu *na* universidade (MENESES, 2002) adotaremos, com riscos de excessiva abrangência e por conveniência de uma visão ampla da definição do ICOM-UMAC, que um museu universitário é aquele que está sob a administração de uma instituição de ensino superior⁶. Estes museus estão associados aos princípios das universidades, quais sejam: pesquisa, ensino e extensão cultural. Neste sentido, vale mencionar que o primeiro museu universitário de que se tem o registro no Brasil é o do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Universidade Federal do Rio de Janeiro, criado em 1902, ainda no contexto do Instituto Nacional de Música (a UFRJ foi criada posteriormente), porém, com referências sobre a existência do seu acervo museológico público em 1898. Basicamente, sua função primordial era da pesquisa e ensino da música, com enfoque didático e preservação da memória por meio de suas coleções iniciais. Como este, há outros museus com este perfil, formados por coleções de pesquisa e/ou de ensino, organizados para o público interno das instituições de ensino superior, ou seja, para o corpo discente, mas que ao passar dos anos se tornaram extensionistas”.

Como afirmado anteriormente, as universidades ocidentais são estruturadas com base no tripé pesquisa, ensino e extensão. No entanto, é justamente a extensão de serviços universitários à sociedade – tais como hospitais, bibliotecas e museus – que passa a ganhar relevância nas novas percepções do papel social das instituições de ensino superior. Essa ênfase é notável a partir da segunda metade do século XX, quando as exposições e serviços dos museus passam a se voltar com maior intencionalidade ao público exógeno, externo à universidade, no mesmo momento de eclosão da Nova Museologia, que desponta com a realização da Mesa Redonda de Santiago, no Chile, que resultou na ‘Declaração de Santiago’, em 1972, quando se afirmou de forma categórica que o museu deve estar a serviço da sociedade.

A ‘Declaração de Santiago’ reforçou uma mudança de mentalidade, promovendo o museu como agente de mudança social (MALCHOW, 2022). A sociomuseologia se desenvolveu a partir desta matriz. Sob a influência do pensamento de Paulo Freire, ela estabeleceu o seu comprometimento com a busca da transformação da realidade e pontuou que o museu tradicional precisa se adequar às demandas da sociedade contemporânea. Com base na ‘alfabetização crítica’ de Paulo Freire, os museus podem ocupar o lugar na construção de uma consciência crítica do mundo contemporâneo (MOUTINHO & PRIMO, 2021). Neste sentido, o pensamento museológico contemporâneo estimula a vivência no museu como meio de expressão.

De acordo com Mário Moutinho, a sociomuseologia é uma escola de pensamento, caracterizada por uma abordagem interdisciplinar que visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, em prol da igualdade de oportunidades e na inclusão social e econômica. A sociomuseologia assenta a sua ação social no patrimônio cultural e natural, tangível e intangível da humanidade e busca a ampliação das funções tradicionais de museologia na sociedade contemporânea, em sintonia com a ‘Declaração de Santiago’ (MOUTINHO, 2007). Por meio de seus escritos, é possível notar

⁶ Esta definição pode ser acessada pelo site do ICOM-UMAC: <http://umac.icom.museum>.

que as orientações do ICOM e da UNESCO foram fundamentais para a disseminação da Nova Museologia e de ideias como ecomuseu e museu comunitário, assim como da sociomuseologia. A partir destas bases conceituais, dada a sua abrangência, é possível ancorar a afirmação aqui defendida de que as coleções e os museus universitários estão plenamente inseridos neste contexto de uma visão mais alargada da museologia, principalmente para a inserção da participação social, ou seja, nos aspectos comunicacionais e da educação.

Sob esta ótica, o engajamento comunitário e social é bastante valorizado pela Nova Museologia, contudo, é uma estratégia que traz desafios particulares para as coleções e os museus universitários, aqui definidos como *Núcleos Museológicos Universitários*. Do ponto de vista da formação de seus acervos acadêmicos, com base em pesquisas científicas, como poderiam atuar no campo da democracia participativa? Como atuar com uma comunidade estendida, para além dos muros da universidade? Possivelmente não haja uma fórmula mas, certamente, já é possível apreciar alguns casos bem-sucedidos. O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo tem desenvolvido interessantes experiências colaborativas na realização de processos de musealização de democracia participativa, com a inclusão de comunidades indígenas (CURY, 2020). Seria o caso de pensarmos em uma outra ciência, em novos saberes? Mas, ao mesmo tempo, como produzir vacinas em contexto de pandemia, gerar energia para os grandes centros urbanos, produzir baterias mais duráveis para os celulares e menos poluentes para o ambiente? Talvez as questões sejam diferentes aos diversos campos de conhecimento, nas ciências humanas e nas artes temos alguns exemplos do desenvolvimento científico incluindo novos saberes. Contudo, nas ciências exatas, ciências biológicas e ciência & tecnologia o caminho parece ser outro, com o seu desenvolvimento fortemente ancorado na ciência pura, rejeitando enfaticamente qualquer outro caminho, a não ser o do método científico. A este respeito, lembramos da indagação de Stélio Marras: “Como situar o desafio de se estabelecer vasos comunicantes entre universidade e sociedade?” (Marras, 2016, 97). Como afirmado anteriormente, não se buscam respostas, mas uma melhor compreensão da relação entre museus e universidades, sob o viés da sociomuseologia, utilizando-se da metodologia da hibridação. Neste sentido, as redes de cooperação ganham sentido e relevância em função de sua natureza heterogênea no estabelecimento de diálogos na busca do rompimento de fronteiras, pois a questão central é a comunicação.

Núcleos Museológicos Universitários e o Ecosistema Museal Emergente

Em agosto de 2022, na cidade de Praga, ocorreu a 26ª Assembleia Geral do ICOM, com o tema ‘The Power of Museums’. Apesar dos diversos assuntos abordados durante o evento, a Assembleia ficou mundialmente conhecida pela aprovação da nova definição de museu. Notadamente mais inclusiva, afirma que: *Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento*⁷. A nova definição foi um avanço em relação à anterior, acrescentou novos termos e, conseqüentemente, novos significados para o que seja o museu hoje. Em função da perspectiva da sociomuseologia, é importante ressaltar as novas palavras incorporadas: ‘acessíveis’, ‘inclusivos’, ‘diversidade’, ‘sustentabilidade’, ‘participação das comunidades’ e ‘partilha de conhecimento’. Seria interessante pensar na adoção que não ocorreu na nova definição da palavra ‘democracia’, mas isso não foi possível, pois, infelizmente, alguns países pertencentes ao ICOM não a reconhecem como um legítimo sistema político. Vale ressaltar a passagem do termo ‘pesquisa’ para o início da definição, prática

⁷ Extraída do site do ICOM Brasil: www.icom.org.br

esta que está no centro das estratégias e ações das coleções e museus universitários. De toda forma, a ênfase dada aqui se refere ao conjunto da definição, pois permite uma ideia mais abrangente do entendimento do que seja um museu, incluindo os seus diferentes formatos, mas que nem sempre são denominados museu, como o caso maioria das coleções de ensino, pesquisa e extensão existentes nas instituições de ensino superior.

Uma coleção universitária pertence a uma instituição de ensino superior, está ligada administrativamente a um órgão central ou a uma faculdade, a uma escola, a um instituto, ou mesmo a um departamento. Remete aos interesses de um grupo de pesquisa, a uma comunidade acadêmica, mas o seu significado é global pois, de algum modo, se relaciona ao desenvolvimento humano, a partir dos interesses de um campo de conhecimento específico. Porém, incorpora os desafios para a sustentabilidade do patrimônio universitário, o que envolve métodos museais para a sua salvaguarda, pesquisa, curadoria, comunicação e estratégias educacionais para a sua preservação. A interdisciplinaridade é bastante evidente nestes processos.

De forma a incluir toda a heterogeneidade das coleções e museus universitários existentes no Brasil em uma única categoria semântica, adotamos aqui a mesma definição construída pelo autor deste artigo durante sua pesquisa de pós-doutorado e expressa na Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: *Núcleos Museológicos Universitários*. Trata-se de uma definição inclusiva que visa à edificação de um sistema integrado e abrangente que reconheça e promova a diversidade de espaços/projetos/ações constituídos e em formação, que atuam na preservação do patrimônio museológico universitário (salvaguarda e comunicação), possuidores de coleções e/ou exposições abertas ao público. Os *Núcleos Museológicos Universitários* são absolutamente diversos em termos de tamanho de acervo, formatos espaciais, recursos humanos e preservam um conjunto excepcional de acervos com inúmeras possibilidades de estratégias de pesquisa, ensino e extensão, que abrange da microbiologia à astronomia; memória & história; da matemática à literatura; da antropologia à zoologia; das artes visuais à física nuclear; do tangível ao intangível; do local ao global; do simples ao composto; do que é o mais antigo ao mais recente; da origem da vida até a sua extinção; para cientistas, o público leigo e toda a sociedade. Eles perfazem todo o processo de trabalho existente nos espaços museais - coleta, salvaguarda, pesquisa, publicações, comunicação de suas coleções, ensino e extensão universitária -, ou parte deste processo, tais como coleções de pesquisa e ensino que não possuem exposições, ou mesmo o inverso, considerando os espaços que possuem exposições didáticas e até mesmo virtuais, mas não possuem coleções de pesquisa.

Os *Núcleos Museológicos Universitários* no Brasil agregam pelo menos 52 denominações diferentes⁸, tais como: Museu, Coleção, Acervo, Centro de Memória, Centro de Divulgação Científica, Coleção Didática, Centro de Preservação Cultural, Planetário, Jardim Botânico, Centro Histórico, Galeria de Arte, Grupo de Pesquisa, Centro de Estudo, Espaço de Arte, Herbário, Horto, Bosque, Zoológico, Laboratório, Instituto, Memorial, Núcleo, Espaço de Ciência, Pinacoteca, Unidade de Conservação, Monumento, Ecomuseu, Centro Cultural, Espaço do Conhecimento, Centro de Documentação, Parque da Ciência, Espaço Cultural, Estação Ecológica, Setor de Patrimônio Histórico, Show da Química, Casa da Descoberta, Centro de Ciência e Tecnologia, Sala de Aprendizagem, Casa da Memória, Casa do Pioneiro, Casa histórica, Floresta, Estação Ciência, Matemateca, Casa da Ciência, Centro de Apoio à Pesquisa, Show da Física, Centro de Arte e Cultura, Arquivo, Casa da Cultura, Espaço de Memória, Ruína e, certamente, mais alguns. Estão presentes no cotidiano das instituições de ensino superior, em espaços especialmente preparados para armazená-los e divulgá-los, em edifícios adaptados, em corredores, nas salas e laboratórios de pesquisadores, nas bibliotecas, salas de aula e em arquivos. Estão em todos os cantos, nos interstícios na vida acadêmica. Por meio dos *Núcleos Museológicos Universitários* é possível compreender o sentido da pesquisa, do ensino e da extensão cultural praticada pelas

⁸ Dados extraídos da base de dados da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: <http://rbcmu.com.br/>

instituições de ensino superior e da própria sociedade em que vivemos, ontem e hoje. Eles brotam a todos os instantes, pois são a essência da vida acadêmica, em todas as áreas do conhecimento.

A presente análise se baseia no reconhecimento de um complexo patrimonial que abrange o sistema de interrelações de *Núcleos Museológicos Universitários* no ambiente universitário com a sociedade, na dinâmica ente universidade, museu, por meio da sociomuseologia, sob a perspectiva do que se denomina *Ecosystema Museal Emergente*, como sintetiza o gráfico a seguir:



Ecosystema Museal Emergente: sistemas de *Núcleos Museológicos Universitários* em rede de cooperação como expressão da relação universidade, museu e sociedade. Gráfico de autoria de Mauricio Candido da Silva, elaborado em janeiro de 2022.

Em busca de diálogo com a ideia de hibridação, o *Ecosystema Museal Emergente* traz em sua essência a ideia de multiplicidade de interações por meio dos *Núcleos Museológicos Universitários*. Para isso é fundamental a admissão da heterogeneidade das formas de preservação do patrimônio museológico universitário e a relação da universidade com a comunidade acadêmica expandida, para toda a sociedade, por meio de complexos processos de comunicação. Nesse sentido, o diálogo com a escola de sociomuseologia parece bastante possível e instigante, em diversos aspectos, como defendido por Mario Moutinho e Judite Primo em suas referências teóricas (2020), principalmente a partir da noção das redes de cooperação, como forma de articulação entre diferentes atores na defesa e promoção do patrimônio museológico universitário.

Sob a coordenação do autor do presente artigo, a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários foi criada em 2017 como uma ação de articulação de profissionais, docentes, alunos e pesquisadores que de alguma forma atuam nestes espaços. Entre 2018 e 2019 ganhou uma nova desenvoltura a partir da minha pesquisa desenvolvida em nível de pós-doutorado, com o tema: "Coleções e Museus Universitários no Brasil: novos parâmetros e definições"⁹. Em 2021 foi lançada a Plataforma Digital da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (www.rbcmu.com.br), com três objetivos principais, sendo eles: 1) Fortalecimento da ideia de rede, 2) Constituição de uma ferramenta otimizada de reunião de dados e compartilhamento livre e irrestrito de informações, 3) Fonte atualizada para pesquisas e consultas públicas na área. A Rede continua ativa, contribuindo com diferentes projetos e eventos, dentre eles a organização do VII Fórum Permanente de Museus Universitários e a consolidação de Documento Unificado sobre coleções e museus universitários no Brasil, com vistas a colaborar com o desenvolvimento de políticas públicas para o setor. A Plataforma Digital está organizada em forma de repositório e, atualmente, conta com seis bases de dados, sendo elas as seguintes:

⁹ No Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, sob a supervisão da Profa Dra Maria Cristina Oliveira Bruno, no âmbito da Museologia.

- Coleções e Museus Universitários / NMU (841 cadastros)
- Pessoas (517 cadastros)
- Publicações (190 cadastros)
- Cursos e Eventos (37 cadastros)
- Vídeos (09 produções, em processo de implantação)
- Registros dos Fóruns Permanentes de Museus Universitários (em processo de implantação)

Por fim, vale ressaltar que a estratégia de Rede entre os Museus Universitários não é nova no Brasil, mas o fato é que tem ganhado força. Algumas Universidades levantadas no âmbito do presente projeto de pesquisa já adotam a estratégia de organização em rede de seus museus, tais como:

- Rede de Museus da Universidade Federal de Minas Gerais (2000);
- Museu de Ciências da Universidade de São Paulo (2002);
- Rede de Museus e Acervos de Museológicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / REMAM (2012);
- Secretaria de Museus e Espaços de Ciências da Universidade Federal de Viçosa (2015);
- Museu de Ciências da Universidade Federal de Goiás (2016);
- Sistema de Museus da Universidade Federal de Uberlândia (2017);
- Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas (2017);
- Sistema Integrado de Museus Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ (GT: 2013; reconhecido oficialmente em 2018).
- Rede de Museus e Acervos da Universidade Federal de Ouro Preto (2020)

Não há um modelo único de organização, algumas funcionam plenamente, outras operam parcialmente; algumas estão estagnadas e outras lutam para terem uma atuação mais ativa. De toda forma, existe uma intenção em todas elas, qual seja: o reconhecimento institucional, a valorização e a promoção de suas coleções e museus universitários, sob a ótica da relação museu, universidade e sociedade.

Considerações finais

A partir do que foi exposto, consideramos que a relação dos museus com as universidades é historicamente constituída, com contornos específicos no Brasil, onde possuem uma alta significância como representantes fidedignos do patrimônio nacional. A partir da segunda metade do século XX, sob a influência da Nova Museologia por um lado e, pela dinâmica da extensão universitária por outro, as barreiras da universidade começaram a se romper, os *Núcleos Museológicos Universitários* deixam de ser exclusivos da academia e se inicia um processo de integração maior com a sociedade esta fase não foi concluída, está em andamento e temos indícios que será plena em todas as áreas do conhecimento, com novos desdobramentos a partir da curricularização da extensão universitária. O processo de democratização de saberes é observado mais nas ciências humanas e nas artes, do que nas ciências exatas, biomédicas e ciência & tecnologia, nas quais as ciências puras são a base de seu escopo metodológico. A perspectiva da sociomuseologia para o diálogo entre museus e universidade está em todo o processo museal, mas com ênfase nos aspectos curatoriais, da comunicação e educação. Chegamos aqui à conclusão de que o centro do debate está na narrativa das coleções e dos museus universitários, que devem ser inclusivos e interdisciplinares, sendo este um grande desafio, por conta do acesso às universidades, da concentração de riquezas de país rico como o Brasil, mas injusto com a sua população e, na maior parte das vezes, pela especialização do conhecimento científico. Os *Núcleos Museológicos Universitários*, o *Ecossistema Museal Emergente* e as Redes de Cooperação estão inseridos no debate contemporâneo retratado como sismógrafos de uma sociedade em transformação, que luta por oportunidades e reconhecimento da heterogeneidade, dentro de um território híbrido, em busca de diálogos e oportunidades de vivência com todas as pessoas que

desejam se integrar aos processos de musealização do conhecimento existente nos territórios das universidades.

Referências

- ALEXANDER, Edward P. **Museums in motion**: an introduction to the history and functions of museums. Tennessee: American Association for State and Local History, 1979.
- BARBUY, Heloisa Maria Silveira. O sistema documental do Museu Paulista: a construção de um banco de dados e imagens num museu universitário em transformação. In: OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles; BARBUY, Heloísa Maria Silveira (org.). **Imagem e produção de conhecimento**. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2002. p. 13-29.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2020**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2022
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museu Universitário Hoje. Painel: 'as pesquisas nos Museus'. **Ciências em Museus**. I Encontro Nacional de Museus Universitários. Coord. Regina Márcia Moura Tavares e Edna Luisa de Melo Taveira. Volume 4. Outubro de 1992.
- BRUNO, M. C. O. A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 10, n. 10, 1997a.
- CORREIA, H. C. R. de Oliveira. **Gestão de museus universitários: um estudo a partir do caso do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará**. 2023. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2023.
- CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica em museu universitário**: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia – USP. Revista CPC, São Paulo, n. 3, p.69-90, 2007.
- CURY, Marília Xavier. Política de gestão de coleções: museu universitário, curadoria indígena e processo colaborativo. **Revista CPC**, São Paulo, v. 15, Nº 30 Especial Dossiê Museus Universitários, p. 165-191, segundo semestre 2020.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade; tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução: Gênese Andrade. 4ª ed. 7ª reimp. São Paulo, 2015 (Ensaio Latino-americanos, 1).
- ISOLAN, F. B. **A formação em Museologia nas universidades brasileiras: reflexões sobre o ensino da gestão e do planejamento sob a ótica da Museologia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- JULIÃO, Letícia. **O desafio da comunicação nos museus universitários**. Museologia & Interdisciplinaridade, v. 9, p. 13-23, 2020. Número especial.
- LEON, Aurora **El museo: teoría, praxis e utopia**. Ed Catedra, 7ª edição, Madrid, 2000.
- LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MACGREGOR, A. The Ashmolean as a museum of natural history, 1683 - 1860. **J Hist Collections**, 13 (2): 125-144, 2001.
- MALCHOW, Érica de Abreu. **Sociomuseologia no Museu Histórico de Frankfurt**: Cinema, Participação e Empoderamento. 2022. Tese de doutorado defendida no Departamento de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa, 2022.

- MARRAS, S. Qual ciência visar? In Revista **ClimaCom Cultura Científica** – pesquisa, jornalismo e arte. Campinas, SP. ANO 03 - N06 - "Territórios", 2016. P. 97-107.
- MAYER, Arno J. **A Força da tradição: a persistência do antigo regime; 1848-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. In: **IV Seminário sobre Museus casas: Pesquisa e documentação**, 2002, Rio de Janeiro. Anais do IV Seminário sobre Museus-casas: Pesquisa e documentação. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000. P 17-48
- MOUTINHO, Mário C Definição evolutiva de Sociomuseologia: **Proposta para reflexão**. Cadernos de Sociomuseologia. V. 28, N. 28. Actas do XII Atelier Internacional do MINOM / Lisboa. 2007.
- MOUTINHO, M., & PRIMO, J. Referências teóricas da Sociomuseologia. In: M. Moutinho & J. Primo (Orgs) **Introdução à Sociomuseologia**. ULHT. 2020, p. 17-34.
- MOUTINHO, M., & PRIMO, J. Sociomuseologia e Decolonialidade: contextos e desafios para uma releitura do Mundo. In: M. Moutinho & J. Primo (Orgs) Teoria e prática da Sociomuseologia. ULHT. 2021, p. 19-38.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2ª edição. Editora Brasiliense. 1986.
- SILVA, M.C. da. **Musealização da natureza: exposições em museu de história natural como representação cultural**. 2013. 377 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- SILVA, Maurício Cândido da. A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. **Revista CPC**, São Paulo, v. 27, p. 297-309, jan./jul. 2019.
- SOLINGER, Janet W. (Edited by). **Museums and universities: common continuing education museums and constituencies**. The American Council on Education/Macmillan series on higher education. 1990.
- STURTEVANT, William C. Does anthropology need museums? **Procs. Biol. Soc.** Washington, v. 82 Oct 1969-Feb 1970. p. 619- 650.
- WITTLIN, Alma Stephanie. **The museum its history and its tasks in education**. London: Routledge & K. Paul, 1949.
- ZANINI, Walter. **Situação dos museus e coleções da Universidade de São Paulo**: levantamento realizado entre agosto e novembro de 1982. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo; orientação do prof. Walter Zanini. São Paulo: ECA/USP, 1982.